

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE LETRAS

Adriane Pereira

*ONCE UPON A TIME: A CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM BRANCA DE NEVE*

Passo Fundo

2018

Adriane Pereira

*ONCE UPON A TIME: A CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM BRANCA DE NEVE*

Monografia apresentada no curso de Letras,
Português- Inglês e suas respectivas literaturas,
no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade de Passo Fundo, sob a
orientação do professor Ricardo Moura
Buchweitz.

Passo Fundo

2018

Adriane Pereira

ONCE UPON A TIME: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM BRANCA DE NEVE

Monografia apresentada no curso de Letras, Português- Inglês e suas respectivas literaturas, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação do professor Ricardo Moura Buchweitz.

Aprovada em 06 de junho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Mestre Ricardo Moura Buchweitz

Prof. Fabiane Verardi Burlamaque

“Você pode fazer o que quiser desde que possa sonhar com isso.”

Mr. Gold – Once Upon a Time.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo apoio e ajuda que permitiram terminar esse trabalho com estabilidade, sendo a base de tudo que eu faço, minha inspiração, eu amo vocês.

É um agradecimento especial para meu orientador Ricardo Moura Buchweitz, por todo seu empenho em dividir seu conhecimento para que esse trabalho se tornasse possível, compreendendo minha jornada acadêmica, auxiliando e guiando sempre que necessário.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a personagem Branca de Neve na série *Once Upon a Time*, sobre a perspectiva da 1ª temporada da série, a fim de mostrar a construção do empoderamento feminino e todo o hibridismo heroico imposto à princesa a partir das obras *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir e *O corpo educado- Pedagogias da sexualidade* de Guacira Lopes Louro, fugindo dos padrões da Disney. A princesa apresenta traços fortes que se moldam em torno da série, construindo histórias, que remoldam o “Felizes para sempre”, porém não se desvencilhando da carga histórica que carrega o nome Branca de Neve, apenas acrescenta traços reais e fortes como características atrativas na princesa.

PALAVRAS-CHAVE: Branca de Neve, Once Upon a Time e mulher.

ABSTRACT

This Project aims to analyze the Snow White character in the series *Once Upon a Time*, from the perspective of the series season 1, in order to show the construction of female empowerment and all the heroic hybridity imposed on the princess through the works: *The second sex* by Simone de Beauvoir and *O Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade* by Guacira Lopes Louro, avoiding Disney's standards. The princess has strong traits that are developed around the series, constructing stories that change the "Happily Ever after", without separating the historical load bearing the name Snow White. Adds just realistic and strong features as attractive characteristics of the princess.

KEYWORDS: Snow White, Once Upon a Time and Woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ONCE UPON A TIME	1
3 O CORPO EDUCADO- PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE.....	13
4 O SEGUNDO SEXO.....	15
5 O PODER FEMININO EM ONCE UPON A TIME	17
6 CONCLUSÃO	22
7 REFERENCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A série *Once Upon a Time* desconstrói os arquétipos de personagens propostos pela Disney, na reconstrução dos personagens de conto de fadas tradicionais, oferecendo uma leitura de personalidades variadas, onde o receptor pode identificar a covardia no herói, a escolha de sexo e gênero nos personagens principais de cada conto apresentado no capítulo e o empoderamento das princesas. Oferece a hiper-realidade humana em contos de fadas, tendo em vista a inquietude, coragem, inconformidade e curiosidade do ser humano em personagens fictícios..

A desenvoltura dos personagens tem como objetivo alternar e desenvolver motivações através de reconstruções do passado, incorporando amor nos vilões e ódio nos mocinhos, envolvendo os personagens da série por meio de conectivos que pulam de um conto para o outro através dos 22 capítulos da primeira temporada.

A personagem mulher chama atenção em torno da série por suas variações diversificadas, alternando o significado dos termos “princesa e fada”. Conquanto que nos contos oferecidos pela Disney, a princesa é frágil, delicada e inofensiva, na série as princesas são poderosas, escolhendo seu próprio destino, retratam suas ações bravamente, assumindo as responsabilidades reais sem que precise de um príncipe aparente. Mostrando a aceitação dos demais personagens em torno do enredo, dando a liberdade de escolha para a mulher.

A personagem feminina assume uma responsabilidade de força no momento em que as levam para o “mundo real”- sendo o lugar em que os personagens foram exilados na série pela Rainha Má- numa jogada ardilosa de inversão de papéis entre vilão e herói. Ainda que o desempenho do personagem seja influenciado pelos telespectadores em forma de críticas no decorrer da série, a releitura feminista aguça o modo de pensar do ser humano, mostrando a razão e o sentimento em uma balança tão pouco pendente para algum dos lados.

O significado imposto à palavra “mulher”, remotamente primitivo, consiste no fator fisiológico e caráter histórico dentro de uma classe de indivíduos que esperava que a mulher se curve ao homem, tendo suas opiniões meramente simbólicas em assuntos importantes que definiam bens, tanto materiais quanto simbólicos ou emocionais. Seu significado tem mudado através dos anos estruturando um quadro de firmeza e luxúria, através de reivindicações necessárias para a independência e racionalismo de sexo e gênero.

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a personagem da Branca de Neve na primeira temporada da série *Once Upon a Time*, tendo como ponto de vista a evolução de uma mulher e princesa como heroína/ independente, destacando o empoderamento feminino.

2. *Once Upon a Time*

No gênero drama, aventura e fantasia, Edward Kitsis e Adam Horowitz, criaram e escrevem cada episódio de *Once Upon a Time* recontando contos antigos e atuais que povoaram a imaginação infantil, como *Branca de Neve*, *Frozen*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Valente*, oportunizando aos personagens secundários serem trabalhados tanto quanto os protagonistas.

A história se passa em Storybrooke, no estado de Maine nos EUA, com flashbacks na floresta encantada e nos mundos mágicos, interligando os personagens a novas histórias que se conectam e não perdem a essência de cada um. Possui uma versão escrita de sua primeira temporada, no livro *Once Upon a Time – O Despertar*, em que duas das personagens principais, Emma e Branca de Neve contam a sua visão da história.

A série lançará sua sétima temporada em breve, com algumas mudanças de personagens, cada temporada contém 22 ou 23 episódios, dispondo de seis personagens principais: Emma Swan, “a Salvadora”, Mary Margareth, “Branca de Neve”, David Nolan, “Príncipe encantado”, Regina Mills, “Rainha Má”, Henry Mills, “filho de Emma- adotado por Regina”- e Sr. Gold, “Rumpelstiltskin”. A série permite ao público enxergar o motivo da escuridão de cada vilão, o que aconteceu para que cada um se tornasse maldoso a ponto de tantas crueldades. A série criada exclusivamente para adolescentes acabou conquistando o público adulto, lançada em 2011 na ABC e liberada para o Brasil em 2012, apenas na versão legendada no canal fechado Sony.

O episódio piloto, na série, apresenta a história da primeira temporada deixando uma brecha posteriormente para o desenrolar da história. A história inicia após a visita de Henry a Emma em Boston, com o objetivo de encontrar sua mãe verdadeira e apresentar-se como o filho que ela abandonou em um orfanato anos atrás, aproveitando, assim para pedir ajuda e salvar seus amigos da cidade natal em Storybrooke. Apresenta, também, seu primeiro flashback na floresta encantada, com a cena clássica do príncipe montado em seu cavalo a procura de Branca de Neve, começando pelo final clássico de *a Branca de Neve e os Sete Anões*.

A primeira temporada contém 22 capítulos que contam a história de cada personagem, sem os finais felizes. A história em Storybrooke se dá com o feitiço da Rainha Má, que envia todos os personagens da Floresta Encantada para o “mundo real”, banindo-os em um mundo sem magia e sem suas memórias, para que lá ela possa começar uma vida nova, governando a cidade com novas identidades. Nesse mundo sem magia, as únicas pessoas que sabem da verdade são a Rainha, que aqui, é chamada de Regina, Rumpelstiltskin que é o Sr. Gold, Henry, filho de Emma adotado por Regina e August, o Pinóquio. Emma é a personagem filha da Branca de Neve, que nasce sendo “A Salvadora”, tendo como destino salvar todos ao completar 28 anos.

3. O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade

O livro de Guacira Lopes Louro, *O Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade* é formado de artigos que retratam a dificuldade de ensinar a sexualidade para os jovens. É composto de seis artigos: *Pedagogias da Sexualidade* - Guacira Lopes Louro, *O corpo e a Sexualidade* - Jeffrey Weeks, *Curiosidade, Sexualidade e Currículo*- Deborah Britzman, *Eros, erotismo e o processo pedagógico*- Bell Hooks, *Cultura, Economia política e Construção social da sexualidade*- Richard Parker e *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo* - Judith Butler.

Os autores desvelam a visão do corpo na sociedade, mostrando fatos culturais, crenças e valores que a sociedade prega como “normais”. Apresenta a sexualidade como algo único, não podendo ser vista com pouca importância, mas sim, como um definidor, que vai além de qualquer ciência, colocando na mesa a questão de gênero, raça, identidade e fatores recorrentes da sexualidade.

Os artigos desnudam mitos de que a sexualidade deva ser vista como um fator biológico ou do instinto, abrange a visão para que os leitores fiquem suscetíveis a pensar sobre o que realmente é a sexualidade, apreciando o corpo como um amuleto apropriador:

As diferenças de classe no processo de regulação sexual não são específicas do mundo moderno, mas elas se tornaram mais nitidamente aparentes nos últimos duzentos anos. Foucault argumentou que a própria ideia de “sexualidade” como um domínio unificado é essencialmente uma ideia burguesa, desenvolvida como parte da auto-afirmação de uma classe ansiosa para diferenciar a si mesma da imoralidade da aristocracia e da promiscuidade supostamente irrestrita das classes inferiores. (WEEKS,1996. Apud LOURO, 2000)

O primeiro artigo, *Pedagogias da Sexualidade*, evidencia a identidade de gênero, sexualidade e “normas” impostas pela sociedade na adolescência. O segundo

artigo, *O Corpo e a Sexualidade*, fala sobre doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, logo em seguida define as crenças da sociedade, diferenciando sexo, gênero e sexualidade. No terceiro artigo, *Curiosidade, Sexualidade e Currículo*, consta a maneira como um professor deve ensinar sobre sexualidade na escola. O quarto artigo, *Eros, erotismo e o processo pedagógico*, fornece um significado para o corpo e o desejo, desnudando a paixão dentro da sala de aula. O quinto artigo, *Cultura, Economia política e Construção social da sexualidade*, insere, por forma de pesquisas, as mudanças durante o tempo. E o sexto e último artigo, *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo*, questiona o poder e o significado que pode ser imposto ao corpo.

4. O Segundo Sexo

O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, foi escrito em 1949 e acabou por se tornar sua obra mais conhecida, escandalizando a sociedade católica da época. A obra é composta por 2 volumes- Fatos e Mitos e a Experiência vivida- e faz referência à construção da figura feminina na sociedade.

O clássico expõe por meio da história e literatura a opressão masculina com uso constante de mitos para se justificar diante das mulheres. Desnuda uma série de processos sociais que impõe a mulher ser o “segundo sexo”, caracterizando-a como sexo frágil e desmistifica argumentos como os que inferiorizam a mulher diante do homem.

A concepção de mulher parte de um ponto de regras que cercam os sexos presente num contexto que idealiza o “ser mulher” e “tornar-se mulher”. É por meio de perfeita coerência que a autora aborda o “tornar-se mulher” na sociedade fundamentando a natureza biológica e cultural que a figura feminina é imposta desde seu nascimento.

O volume 1-Fatos e Mitos- é dividido em três partes: Destino, História e Mitos. Mostrando que os fatores que levam o estudo dos sexos é resultado de uma longa pesquisa em torno da história, desmaterializando o ideal do padrão feminino mundial.

A primeira parte traz o ponto de vista psicanalítico, biológico e materialmente histórico explicando a devoção das mulheres aos homens a partir do que elas acreditam ser correto, a partir do que a história ofereceu a elas em relação a conhecimento cultural. A segunda parte apresenta uma extensa e árdua pesquisa que tem como intenção explicar através da história de onde vem a “castidade” imposta à mulher desde a antiguidade até a modernidade. Por fim, a terceira parte gira em torno dos mitos que trazem um padrão mulher até hoje, a partir de obras clássicas e bases da época.

A autora explica a submissão da mulher a partir de um outro que representa a “minorias”, assim como judeus, negros e etc... Considerando casos como a escravidão como condição e consequência do modo de pensar sobre o sexo feminino. No entanto

discute a importância da mulher desde a antiguidade introduzindo com o direito histórico devido a elas.

Apesar dos avanços o índice de homens que subjugam a mulher até hoje a partir do sexo é grande. Esse ponto de vista é interrompido na psicanálise onde apresenta a mulher como representação do olhar masculino trazendo um processo histórico de consequências.

Isso tudo se dá a partir do ideal de macho e fêmea criado biologicamente. A autora compõe o início de sua obra com uma pesquisa biológica que diferencia os sexos relacionando a igualdade e cooperação de ambos, independente das características fisiológicas que se mostram inferior aos homens com a capacidade física menor que do seu oposto.

Para concluir, Simone Beauvoir traz a origem da família de Friedrich Engels analisando o poder que o homem assume desvalorizando a mulher desde capacidade biológica até a diferenciação social. Contando também que o papel da maternidade não exerce de tanta importância para a mulher já que a sociedade não busca procriar, mas sim elevar a sociedade.

5. O poder feminino em *Once Upon a Time*

A série *Once Upon a Time* conduz ao público personagens marcantes, personagens que, apesar de serem seres mágicos, oferecem características evidentes no mundo real. Branca de Neve, ainda que não dispusesse de magia para ajudar seu povo, é considerada uma das heroínas na primeira temporada da série. Mas o que a princesa fornece para ser considerada heroína em um mundo que todos usam a magia para se salvar?

A série dispõe das características em que a luz e a escuridão estejam suscetíveis a todos, não apenas aos vilões, os escritores fazem questão de mostrar o porquê cada vilão ficou tão maldoso, as causas e motivos de estarem na posição de vilão. Diferente dos contos da Disney, aqui a rainha não odeia Branca de Neve por inveja de sua beleza, mas sim porque quando mais nova, confiou um segredo à princesa que acabou na morte do amor da sua vida.

Em busca de vingança, a Rainha anseia pela infelicidade da Princesa, para que Branca de Neve sinta tudo o que ela sentiu com a perda do seu noivo. Após a Rainha declarar guerra, a princesa foge e, a partir disso, se torna propensa a mudanças no decorrer do enredo. A personagem abandona seus vestidos delicados e aparece de colete, calças e botas, em tons terrosos, estilo caçador e uma opinião forte, coragem, bondade e gentileza começam a predominar cada vez mais nela. Essa mudança se deve a um conjunto de mudanças na vida da personagem, a situação que a engloba, não apenas fornece, mas também a obriga a se tornar independente, Louro afirma:

É, então, no âmbito cultural e da história que se definem as identidades social (todas elas e não apenas as identidades sociais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. (LOURO, 2000)

O povo da floresta encantada já não a conhece como a Princesa deles. As características doces, fúteis e delicadas já desaparecem ao precisar se adaptar no mundo em que agora ela precisa viver. Isso apenas afirma que o ser humano constrói a identidade a partir do âmbito social. Critérios como saúde, sobrevivência e tristeza, fizeram que a personagem se dispusesse de roubos e lutas dentro da floresta para sobreviver.

Após o feitiço da Rainha Má, que levou todos ao “mundo real”, sem que lembrassem nada das suas vidas passadas, a princesa aparece diferente com cabelos curtos, com jeans e suéter, sempre em tons delicados, aqui sendo conhecida como Mary Margareth. É em Storybrooke que a personagem além de sua doçura e calma fica mais vulnerável aos pecados humano, ainda mais quando se trata da paixão. A primeira cena nessa nova cidade mostra a princesa lecionando em uma sala de aula com um pássaro na mão, não abandonando a clássica história da *Branca de Neve* em que ela adora os animais. Guacira Lopes Louro, afirma que pode ocorrer que os desejos estejam discordando do corpo:

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca e tal aparência. (LOURO, 2000).

A série descarta as características de ser totalmente mocinha, ou ser totalmente vilã, a alma mais pura pode ferir para defender a família ou quem se ama. A série evidencia a figura da mulher, dando ênfase à importância do empoderamento na personalidade forte e sem submissão que as princesas apresentam. Ainda que todos tenham fraquezas, os autores explicitam as características do mundo real, não só mostrando a força dessas mulheres como também a insegurança e a solidão que podem apresentar no decorrer dos acontecimentos envoltos na vida deles.

Se colocarmos a mulher em mundo que possamos atribuir valores libertários elas escolherão por impulso natural uma carga de vida que impõe ideias que a

psicanálise julga mecanizada a partir de seu ponto histórico, desempenhando o papel menos “masculinizado”. O papel desvalorizado da mulher deveria ser mais visível ao ser humano, pois eram das derrotas que a feminilidade se definia em meio a escolhas não feitas por elas que o papel “mulher” ganhou forma:

A mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. “Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos” diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser feministas ou masculinas. (BEAUVOIR, 1949)

A palavra mulher desempenha poder diante de tanto estudo efetuado em cima de seu sexo e gênero, mas pouco deles definem essa palavra. Como definir a palavra mulher quando não se ha definição fora da biologia? Um indivíduo torna-se um indivíduo a medida que se sente como tal. A natureza não define o ser humano, a partir de retomadas sociais e psicológicas que o ser humano passa a se definir dentro de eu gênero.

Os autores de *Once Upon a Time* não planejaram mostrar o padrão princesa, pois sabem que em mundos evoluídos as histórias se adaptam para que possam ser recontadas, Branca de Neve é um dos contos infantis mais importantes de todos os tempos e assim como as histórias foram modificadas pelos irmãos Green para que pudessem passar por crianças, agora os autores buscam apresentar esses contos com mais ênfase libertário diretamente ao adulto, para que tragam novos debates construtivos ao teor de cada pragmática abordada.

A mulher não é apenas útero e ovário, muito menos indivíduos definidor da reprodução humana, como a biologia impõe, a carga histórica da mulher vai além disso. Uma mulher não deixa de ser mulher meramente por ser menos feminina, a ardilosa realidade expõe a mulher ao mundo sem ao menos comunica-la da chegada de tantas tarefas. Mary Margareth em um mundo “real” mostra sua independência em sua personalidade forte, é ela quem tem de salvar o príncipe mais de uma vez, ela quem tem de salvar sua filha do perigo e defender um reino inteiro. Ainda que ela se apresente como independente, aparenta características do conto original, como que estava destinada desde o início a um príncipe, ou a delicadeza com os animais.

A personagem não precisou se afastar das características de princesa para se mostrar uma princesa anos 2000, mas sim apenas acrescentar características a doçura que já exercia. Simone de Beauvoir apresenta a mulher como igual, desfazendo os ideais machistas de elas fossem o “segundo sexo”:

No seio da família, a mulher apresenta-se à criança e ao jovem revestida da mesma dignidade social dos adultos masculinos; mais tarde ele sente no desejo e no amor a resistência, a independência, da mulher desejada e amada; casado, ele respeita na mulher a esposa, a mãe, e na experiência concreta da vida conjugal ela se afirma diante dele como uma liberdade. (BEAUVOIR, 1949)

Os contos de fadas são as primeiras histórias apresentadas às crianças na infância, com a intenção de que acreditem em magia e mostrem que podem ser tudo que sonhar, entretanto, o padrão de que toda mulher deve ser delicada, frágil, doce e submissa ao homem, começa a ser imposto nesses livros, onde a personagem está predestinada ao príncipe sem ao menos poder ter escolha, sempre seguindo um padrão de comportamento típico de princesas onde estão sempre sendo a “boa moça” a procura de um futuro rei que irá governar seu reino. Mas e se a princesa quiser governar o reino sozinha?

Branca de Neve após se distanciar do reino, fugindo de sua madrasta, enfrenta o príncipe várias vezes, o fato de ser um príncipe nunca a rebaixou. Comentários como “não luto com uma mulher” até são exibidos durante sua primeira cena de luta com ele, mas a donzela se mostra não estar em perigo, deixando-o em saia justa. Simone de Beauvoir afirma que essa perspectiva aparece porque de acordo com a biologia a mulher se mostra mais fraca que o homem:

A mulher é mais fraca que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. (BEAUVOIR, 1949)

Logo após seu estudo biológico a autora afirma que a biologia torna-se uma ciência abstrata a partir do momento que não se aceita uma perspectiva de ciência que

definem o corpo humano e a fraqueza só é revelada quando desprendida do corpo humano.

A palavra mulher traz consigo uma carga histórica, biológica, cultural e psicológica complexas. Todos os estudos feitos sobre a mulher geraram e geram alarde em seu âmbito cultural, há indivíduos que não aceitam o poder e voz feminina na política ou chefia. Ser mulher não é nascer fêmea, ser mulher é combinação de fatores que implicam isso, ser feminina não implica em ser mulher: Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.

6. CONCLUSÃO

O empoderamento feminino vem desde que as mulheres começaram a lutar por sua independência, para que possam agir pensar e fazer de sua vida o que quiserem sem serem mortas e massacradas. Em contrapartida, o padrão imposto pela sociedade não permite que essa perspectiva de “princesa” seja quebrada sem que haja comentários de mau gosto sobre o assunto.

Ainda que tragam delicadeza, as princesas em *Once Upon a Time* ganham personalidade destacada na série, comandando cada episódio. Após a chegada ao mundo real, elas já estão se mostrando fortes, reais e donas de si, não aceitando submissão alguma. Levando a principal transição entre princesa e mulher na série.

As diferenças impostas em um segundo momento são alarmantes, ou seja, os autores apresentaram a importância do poder feminino-ainda que não descarte características das princesas- com sentimento, mostrando que todo personagem tem um lado bom e um lado mau, independente de mocinho ou vilão.

Os mitos impostos à mulher tem importância a partir do momento que começa a atrapalhar sua vida pessoal e profissional. A feminilidade é projetada a partir de fatores que as tornam mulheres a partir de suas escolhas. Cada indivíduo define a mulher de um jeito, em contrapartida, a mulher define-se por si só desempenhando seu papel a medida que aparecem necessidades básicas de convívio no ciclo social humano.

Ao longo da última década, tem sido realizadas pesquisas em torno da sexualidade que abrangem claramente os fatores de diversidade e aceitação no mundo, essas pesquisas questionam a natureza do ser humano, pondo as experiências dos próprios autores, como fatores expostos a julgamento. Essas pesquisas chamam atenção para que a justiça social possa ser feita por meio de iniciativas para transformar a opinião sexista, construindo e compondo questões fortes presentes no século XXI.

Esse trabalho foi de grande importância a todos que tem como objetivo introduzir no estudo de sexo e gênero imposto a mulheres a partir de perspectivas do passado. Apresentou a origem de boatos que cercavam a mulher, explicando o porquê de certos pensamentos -por meio da biologia, psicologia e história- descartando a ideia

de que a mulher possa se o segundo sexo e a colocando em uma linha tênue com o outro.

7. REFERENCIAS

LOURO, G.L; WEEKS, J.; BRITZMAN, D.; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTLER, J.;

O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, 2000.

ONCE Upon a time: Direção Mario Van Peebles, Ralph Herneck, Gwyneth Horder-Payton, Milan Cheylov. Produção: Damon Lindelof, Christiane Boylan, Robert Hull, Kalinda Vazquez, Jane Espenson, Daniel T. Thomsen, Brian Wankum, Kathy Gilroy, Ian Goldberg, Liz Tigelaar, Samantha Thomas, Jerome Schwartz, Helga Ungurait. ABC, 2011. 1 temp.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*.3.ed. Rio de Janeiro, 1949.